



OLHARES ECOFEMINISTAS À ECOLOGIA PROFUNDA

Daniela Rosendo¹

No presente artigo², serão tratadas as críticas à ecologia profunda e a argumentação utilizada pela autora ecofeminista Ariel Salleh, a fim de verificar sua consistência e contribuição à ética ambiental.

Ariel Salleh julga-se responsável pelo início do debate entre o ecofeminismo e uma das correntes da ética ambiental, a ecologia profunda. De fato, Salleh apresentou em 1983, na Austrália, o artigo intitulado *Deeper Than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection*³, cuja publicação ocorreu um ano depois na revista *Environmental Ethics*.

O termo *ecologia profunda* foi cunhado por Arne Naess, em 1973. Bill Devall e George Sessions explicam que o intuito de Naess era designar uma abordagem mais profunda e espiritual dos humanos com a natureza, e que essa relação mais profunda era resultado de uma abertura sensível dos humanos para a vida não-humana que os rodeia⁴. Sessions e Naess formularam, em 1984, os princípios básicos nos quais se pautam tal corrente: 1) o bem-estar e a vigorosidade de humanos e não-humanos tem valor em si mesmo, o que é, para eles, sinônimo de valor intrínseco, valor inerente. Esses valores são independentes do uso de não-humanos para propósitos humanos; 2) riqueza e diversidade de formas de vida contribuem para a realização desses valores, e também são valores em si; 3) humanos não têm direito de reduzir tal riqueza e diversidade, exceto para satisfazer necessidades vitais; 4) a vigorosidade da vida humana e das culturas é compatível com a diminuição substancial da população humana. A vigorosidade da vida não-humana requer tal diminuição; 5) a interferência humana na vida não-humana é excessiva, e a situação está piorando rapidamente; 6) as políticas devem, então, mudar. Essas políticas afetam estruturas básicas econômicas, tecnológicas e ideológicas; 7) a mudança ideológica é principalmente a de prezar pela qualidade de vida; 8) as pessoas que aderem às questões anteriores têm obrigação direta ou indireta

¹ Bacharel em Ciências Jurídicas (Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE) e mestranda em Filosofia, área de Ética e Filosofia Política (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC). E-mail: daniela@ipz.org.br

² Artigo oriundo da pesquisa realizada no Projeto Feminismo Ecoanimalista: Contribuições para a superação da violência e da discriminação (UFSC), coordenado pela professora Sônia T. Felipe, do qual participam as(os) pesquisadoras(es) Daniela Rosendo, Luciano C. Cunha, Luiz Alejandro Gutiérrez, Neide Schulte, Rafael Mendonça, Rosane Maria Mota, Samantha Buglione e Tânia A. Kuhn, aos quais agradeço pelas reflexões e contribuições.

³ SALLEH, Ariel. *Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection*. In: *Environmental Ethics*, n. 6, 1984, p. 335-341.

⁴ DEVALL, Bill. SESSIONS, George. *Deep Ecology*. In: STERBA, James P. (Ed.) *Earth Ethics: Introductory Readings on Animal Rights and Environmental Ethics*. 2. Ed. New Jersey: Prentice Hall, 2000. p. 149-157.



de tentar implementar as mudanças necessárias⁵. Tem-se, portanto, dois eixos principais nos quais se pautam a ecologia profunda: auto realização e igualitarismo biocêntrico.

O ecofeminismo, por sua vez, é uma vertente da política feminista que faz uma combinação lógica entre as preocupações feminista e ambiental, a partir da consciência aflorada nas mulheres, especialmente a partir da década de 1970.⁶ Diferencia-se, portanto, da ética ambiental, do socialismo e do feminismo padrão, pois surge como uma síntese dessas três preocupações: da relação do humano com a natureza, do humano com ele próprio, e do homem com a mulher, respectivamente.⁷

Ao contrário dessas categorias, o ecofeminismo não segue uma crítica linear, mas percorre um curso dialético entre:

- (a) sua tarefa **feminista** de estabelecer o direito da mulher à voz política; (b) sua tarefa **ecofeminista** de minar a base machista daquela validação política, desmontando a relação machista do homem com a natureza; e (c) sua tarefa **ecológica** de demonstrar o quanto as mulheres são capazes de viver diferentemente em relação à natureza.⁸ (grifo não original)

O debate Ecofeminismo e Ecologia Profunda

Em *Deeper Than Deep Ecology*, Salleh analisa as sete premissas da ecologia profunda, segundo Naess e Devall⁹, e aponta suas incoerências. Brevemente, as características e suas respectivas críticas são:

1) *substituição do dualismo homem/natureza*. Salleh critica os autores por usarem o termo genérico *homem*, quando o emprego da generalização é descabido. Ao optarem por esse termo, pressupõem diferenças entre os sexos de forma não crítica;¹⁰

2) *distanciamento do antropocentrismo e aproximação do igualitarismo biológico*. A autora argumenta que Naess não consegue superar a relação senhor-escravo, que deixa de ocorrer com a natureza, mas permanece com as mulheres. Ademais, os meios pelos quais Naess realizaria esse objetivo de igualitarismo entre espécies seria com a limitação da população humana;¹¹

⁵ DEVALL, Bill. SESSIONS, George. *Deep Ecology*. p. 152-153.

⁶ SALLEH, Ariel. *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. p. 202.

⁷ SALLEH, Ariel. *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. p. 195.

⁸ SALLEH, Ariel. *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. p. 197-198.

⁹ Salleh usa como referências os seguintes textos: NAESS, Arne. *The Shallow and the Deep, Long Range Ecology Movement*. *Inquiry* 16, 1973, p. 95-100; DEVALL, Bill. *The Deep Ecology Movement*. p. 299-322.

¹⁰ SALLEH, Ariel. *Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection*. p. 340.

¹¹ SALLEH, Ariel. *Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection*. p. 340.



3) *princípio da diversidade e simbiose: viva e deixe viver, coexistência mútua benéfica*. Para os humanos, esse princípio favorece o pluralismo cultural, mas restrito aos homens. A aniquilação da identidade e da criatividade das mulheres permanece na cultura machista;¹²

4) *postura anti-classe*. Embora essa postura não seja incompatível com a análise ecofeminista, a opressão sexual e a diferenciação social que ela produz são ignoradas por Naess;¹³

5) *luta contra a poluição e deploração de recursos*. O próprio Naess observa que isso pode aumentar as desigualdades de classe, em decorrência dos seus custos. Além disso, as mulheres, na condição de guardiãs do *oikos*, estão em boa posição para colocar em prática a consciência ecológica. Por outro lado, o capitalismo colocou as mulheres na posição de consumidoras por excelência, mas Salleh afirma que esse potencial pode ser invertido. Além disso, a autora sustenta que a compreensão de poluição é em termos materiais externos, fruto do dualismo tácito mente/corpo, ao passo que a consciência feminista se preocupa também em erradicar a poluição ideológica;¹⁴

6) *princípio da complexidade, e não da complicação*. O ideal de Naess é uma economia complexa suportada pela divisão, mas não fragmentação do trabalho; a alienação do trabalhador deve ser superada por oportunidades de envolvimento em tarefas mentais e manuais, especializadas e não-especializadas. Salleh defende que há sérios problemas de implementação dessas ideias e que os argumentos para sustentá-las é fraco. Há preocupação demasiada com hábitos cientificistas de pensamento;¹⁵

7) *autonomia local e descentralização*. Naess, com esse princípio, quer evitar a vulnerabilidade decorrente da dependência de recursos de outras localidades. O direcionamento à blocos econômicos cada vez maiores e estruturas políticas hierárquicas são, para Salleh, características das sociedades machistas. Em suas palavras, “são a expressão de um impulso para competir e dominar o Outro.”¹⁶ Segundo ela, se deixar as mulheres escolher, elas não se organizam dessa maneira expansionista, pois preferem trabalhar em grupos pequenos, íntimos.

Após essa análise, Salleh conclui que a visão da filosofia ecológica de Naess é altamente acadêmica e positivada, vestida do jargão dos padrões de aceitabilidade científicos dominantes. “Infelizmente, do ponto de vista eco-feminista, a ecologia profunda é simplesmente outro

¹² SALLEH. Ariel. Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection. p. 341.

¹³ SALLEH. Ariel. Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection. p. 341.

¹⁴ SALLEH. Ariel. Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection. p. 341-342.

¹⁵ SALLEH. Ariel. Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection. p. 342.

¹⁶ SALLEH. Ariel. Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection. p. 343.



movimento reformista auto-congratulatório”.¹⁷ A supressão do *feminino* está presente em termos universais, e não é só o cerceamento de mulheres reais, vivas, empíricas, mas também dos aspectos femininos da própria constituição dos homens. Esse é o problema constado por Salleh também nas teorias da ecologia profunda.

Nos anos seguintes à publicação desse texto, alguns autores (homens) replicaram as críticas da autora, que por sua vez publicou sua tréplica no artigo *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. Salleh responde às críticas dos ecologistas profundos a visão ecofeminista proposta em seu artigo, afirmando que as interpretações errôneas sobre o ecofeminismo resultam da participação deles no processo dialético senhor-escravo, oriundo do sistema machista. Para ela, diversos defensores da ecologia profunda esquecem a intenção original da crítica ecofeminista, que não tem intenção de descartar sua corrente, mas instar uma maior consciência política.¹⁸ Segundo a autora, os homens que responderam seu artigo *Deeper Than Deeper Ecology*, de fato, não perceberam o que foi criticado. Teriam entendido que ela dispensou a ecologia profunda quando indicou suas falhas, com base nos pontos de vista da experiência das mulheres. O artigo foi recebido como uma ameaça pelos ecologistas profundos, particularmente pelos homens não acostumados a terem suas ideias questionadas por mulheres.

Ademais, Salleh critica os ecologistas profundos por usarem indistintamente palavras imbuídas de suposições machistas,¹⁹ por exemplo, a superioridade da cultura sobre a natureza. A palavra fêmea denotaria funções biológicas e é usada para se referir a atribuições sociais, tornando-se depreciativa. Um exemplo pode ser encontrado no texto de Jim Cheney²⁰, quando ele escreve sobre ‘a *feminização* das atitudes masculinas em direção à natureza’. Não há como saber se o autor usa *feminização* no sentido de *feminino* ou de *feminista*. O texto de Cheney gera essa ambigüidade por usar a palavra *feminista* em paralelo ao adjetivo *masculino*. “Essa assimetria semântica – *masculino* combina propriamente com *feminino* ao invés de *feminista* – simplesmente reflete desigualdades modernas de gênero.”²¹ *Feminista* implica rejeição dos valores machistas.

¹⁷ SALLEH, Ariel. *Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection*. p. 344.

¹⁸ SALLEH, Ariel. *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. p. 198.

¹⁹ Sob orientação da professora coordenadora Sônia Felipe, nesse texto é usada a palavra *machista* como tradução do termo *patriarchal*. Para os leitores de língua portuguesa, há maior identificação da carga semântica do termo machismo, qual seja o sistema de opressão das mulheres, ao invés de patriarcalismo.

²⁰ CHENEY, Jim. *Eco-Feminism and Deep Ecology*. In: *Environmental Ethics*, n. 9, 1976, p. 115-145..

²¹ SALLEH, Ariel. *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. p. 207.



Alan Wittbecker é um dos autores que respondeu à crítica de Salleh, em seu artigo intitulado *Deep Anthropology, Ecology, and Human Order*²², publicado em 1986. Salleh critica Wittbecker por usar termos como *homem* e *andrógeno*, indicando sua falta de familiaridade com termos atuais mais apropriados e afirma que ele tem interesse pessoal em três questões: 1) a ecologia profunda é dita como *ignorante do feminismo*; 2) é acusada de ser *não-feminina*; e 3) que o ecofeminismo é um *femocentrismo reducionista*. Salleh replica afirmando que enquanto a primeira questão pode ser substanciada, é duvidoso que as outras duas sejam.²³ A autora argumenta afirmando que a falta de assimilação do autor sobre a teoria ecofeminista é confirmada pela sua visão do femocentrismo reducionista. “O ecofeminismo certamente reconhece o dualismo machista rígido entre masculino e feminino como um problema político chave, mas ao perseguir a pulsão psíco-sexual que todas as dominações satisfazem, também abarca a libertação das crianças e dos animais, e o cuidado com plantas e minerais.”²⁴

Outra crítica direcionada à Wittbecker é por ele afirmar que a autora divide os sexos como se fossem duas espécies e parece pensar que mulheres não têm aspectos masculinos. Salleh replica afirmando que é a ideologia machista que cria essa dicotomia. “Os últimos quinze anos do feminismo encorajaram as mulheres a reconhecer e se apoiar nas suas capacidades chamadas ‘masculinas’, em seu local de trabalho, vida sexual, e assim por diante.”²⁵ Por fim, aponta que Wittbecker falha ao compreender seu comentário considerando o *potencial especial das mulheres*, que é sobre a revalorização da vida e da nutrição, não a negação do igualitarismo. Argumenta que a literatura sobre a *natureza da mulher* sugere que a relação do homem com sua mãe é profundamente problemática para o senso de si masculino. Um dos objetivos políticos das ecofeministas e seus aliados é substituir essa nutrição intensa feminina, destrutiva tanto para as mulheres quanto para os filhos, através da criação de formas de cuidado infantil comunitárias.²⁶

Outro autor criticado por Salleh, também por responder seu artigo inicial, é Michael Zimmerman, que escreveu *Feminism, Deep Ecology, and Environmental Ethics*²⁷, em 1987. Para a autora, embora Zimmerman tenha mencionado em nota de rodapé que os termos *ecofeminismo* e *feminismo* não possuem necessariamente o mesmo significado, esquece a questão ao construir sua

²² WITTBECKER, Alan. *Deep Anthropology, Ecology, and Human Order*. In: *Environmental Ethics*, n. 8, 1986, p. 268-270.

²³ SALLEH, Ariel. *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. p. 205.

²⁴ SALLEH, Ariel. *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. p. 206.

²⁵ SALLEH, Ariel. *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. p. 210.

²⁶ SALLEH, Ariel. *The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason*. p. 212.

²⁷ ZIMMERMAN, Michael. *Feminism, Deep Ecology, and Environmental Ethics*. In: *Environmental Ethics*, n. 9, 1987, p. 21-44.



réplica ao ecofeminismo. Salleh exemplifica que argumentos fundados no feminismo liberal ou marxista não podem ser usados contra o ecofeminismo. Zimmerman, Cheney e Fox aparentemente não têm claras as distinções entre o feminismo liberal e o ecofeminismo. Zimmerman concorda que o ecofeminismo e a ecologia profunda estão pelo menos superficialmente de acordo sobre a oposição ao ambientalismo baseado em direitos. Novamente é criticado por usar o termo *feministas*, que nulifica seu argumento, tendo em vista que embora feministas liberais endossem a política baseada em direitos, elas seriam relutantes em reconhecer o valor intrínseco da natureza.²⁸

Salleh cita Zimmerman: “Ecologistas profundos homens devem consultar as mulheres que estão mais em harmonia com o mundo natural do que os homens”, e tece sua crítica:

a dominação machista é que colocou as mulheres próximas à natureza, enquanto os homens são vistos como ativos na esfera cultural. [...] Se há alguma dúvida da teia opressiva misógina com a qual estamos lidando, lembre-se que a origem da palavra *feminino* é *feminus*, uma palavra latina que significa ‘sem fé’.²⁹

Salleh critica Zimmerman pelo uso de argumentos essencialistas, quando ele afirma que a cultura machista é simplesmente uma *estrutura interpretativa*, assim como o feminismo. Contesta a autora: “*Machismo* não existe simplesmente como uma ideia”.³⁰

Por fim, o termo *masculinista* é incorretamente utilizado por Zimmerman como equivalente à *feminista*. Salleh explica que a designação *feminista* foi concebida para expressar o antagonismo dos homens à chegada do feminismo e a renovação das atitudes machistas.³¹

O último autor criticado por Salleh é Warwick Fox, cujo texto chama-se *The Deep Ecology-Ecofeminism Debate and its Parallels*³², de 1989.

Salleh se atém a criticar a incerteza sobre os paradigmas marxista, radical e ecofeminista por parte de Fox, assim como sua incorrência ao essencialismo, do mesmo modo como o faz Zimmerman. Ela afirma que a palavra *essência* não aparece em seu texto, e que o debate sobre essa corrente é um subproduto do pensamento dualista no liberalismo machista. “Não faz sentido assumir que mulheres estão mais próximas da natureza do que os homens.”³³

Assim a autora finaliza suas críticas aos ecologistas profundos de maneira geral, e aos três autores que responderam à sua crítica de 1983 nos anos seguintes. A partir dessa análise crítica, Salleh passa às propostas para superar não só o machismo, mas também outras formas de opressão.

²⁸ SALLEH, Ariel. The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason. p. 203.

²⁹ SALLEH, Ariel. The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason. p. 203-204.

³⁰ SALLEH, Ariel. The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason. p. 204.

³¹ SALLEH, Ariel. The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason. p. 207.

³² FOX, Warwick. The Deep Ecology-Ecofeminism Debate and its Parallels. In: *Environmental Ethics*, n. 11, 1989, p. 5-25.

³³ SALLEH, Ariel. The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason. p. 208.



Desse modo, explica que a cultura machista repreende mulheres, negros e saqueia a natureza. Isso significa que uma mudança de atitude é necessária com relação a todos os níveis de opressão: especismo, racismo, sexismo e classismo ao mesmo tempo, pois estão todos interligados.³⁴ Nas palavras da autora:

O que é necessário na resposta dos ecologistas profundos ao ecofeminismo é um senso das questões complexas interligadas, econômicas e ideológicas, que devem ser tratadas, e um sentido do ‘trabalho’ envolvido na implementação de mudanças sociais. Existem muitos centros a partir dos quais se pode trabalhar - especismo, sexismo, racismo, classismo. Gênero é estrategicamente fundamental para o desmantelamento de cada um destes. Sem esse trabalho político, o ‘biocentrismo’ dos ecologistas profundos pode se tornar um fecho prematuro e reducionista, falhando em nos ajudar no impasse global.³⁵

Considerações finais

Salleh é engajada nas leituras de seus críticos, e demonstra seu esforço em produzir um diálogo entre ecofeministas e ecologistas profundos. No entanto, é necessário verificar a consistência dos argumentos e das críticas de Salleh à esta corrente teórica e mais, examinar se a própria ecologia profunda fornece substrato teórico condizente com uma ética ambiental genuína.

Deborah Slicer, filósofa ecofeminista, se propôs a analisar uma dessas questões em seu artigo *Is There an Ecofeminism – Deep Ecology “Debate”?*³⁶. Slicer discute os problemas a partir do texto de Fox (*The Deep Ecology – Ecofeminism Debate and Its Parallels*) e conclui que apesar de Fox e outros autores da ecologia profunda estudarem tanto o ecofeminismo quanto as análises feministas, o fazem em uma perspectiva de disputa, ao invés de um debate genuíno. Dessa maneira, Slicer propõe algumas condições para a existência efetiva de debate, das quais se destacam a incorporação da voz das mulheres, ou seja, a leitura das ecofeministas, e a observação de que o antropocentrismo é androêntrico³⁷.

Slicer concorda com Salleh que Fox comete equívocos sobre feminismo e ecofeminismo. Segundo ela, esses autores e interlocutores não levam o ecofeminismo à sério, o que resulta num debate unilateral, apesar das pesquisas e publicações das últimas três décadas. Ela corrobora essa ausência de diálogo ao afirmar que as mulheres, nos textos de Zimmerman, Fox e Cheney, estão somente nas notas de rodapé.³⁸

³⁴ SALLEH, Ariel. The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason. p. 204-205.

³⁵ SALLEH, Ariel. The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason. p. 213.214.

³⁶ SLICER, Deborah. Is There an Ecofeminism – Deep Ecology “Debate”? In: *Environmental Ethics*, n. 17, 1995, p. 151-169.

³⁷ Agradeço especialmente à Samantha Buglione pela leitura, fichamento e exposição do artigo de Slicer.

³⁸ SLICER, Deborah. Is There an Ecofeminism – Deep Ecology “Debate”? p. 151/153.



Ainda segundo Slicer, Fox critica as mulheres ao afirmar que elas podem ser racistas, discriminar homens, acumula riquezas, ser ecologicamente destrutivas etc, à exemplo de Margaret Thatcher. A autora responde que ‘apontar o dedo para as feministas ou ecofeministas’ não exime os homens ou ecologistas profundos, e que usar Thatcher como exemplo revela a compreensão superficial que Fox tem sobre gênero e machismo. Nesse sentido, as mulheres, tal qual os homens, desejam respeito e oportunidades para participar da vida pública e, por terem menos oportunidades, adotam características e comportamentos com vistas a autorizar sua participação nesse meio, e recompensar o fato de serem mulheres e garantir reconhecimento.³⁹

Slicer defende que as ecofeministas têm análise filófica e teórica sobre a legitimação de ideologias, especialmente opressão, ao contrário do que Fox sustenta. Para Slicer, essa posição de Fox demonstra sua rejeição, seu repúdio à literatura feminista e ecofeminista⁴⁰. Da visão da autora, tem-se que para que duas partes discordem ou debatam sobre um problema é necessário que ambas se familiarizem com ele e tentem compreendê-lo, principalmente no que se refere aos princípios e distinções básicas.

No debate ecologia profunda e ecofeminismo, tem-se de um lado Salleh argumentando a favor de um simbiose, desde que superados os limites da ecologia profunda, e de outro defensores homens da ecologia profunda pouco abertos, conforme Slicer, ao diálogo. O desafio das ecofeministas de superar a discriminação, seja das mulheres, da natureza, ou qualquer outra, e especialmente de se fazer ouvir pelos homens, persiste.

Bibliografia

DEVALL, Bill. SESSIONS, George. Deep Ecology. In: STERBA, James P. (Ed.) Earth Ethics: Introductory Readings on Animal Rights and Environmental Ethics. 2. Ed. New Jersey: Prentice Hall, 2000. p. 149-157.

SALLEH, Ariel. Ariel. Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection. In: Environmental Ethics, n. 6, 1984, p. 335-341.

_____. The Ecofeminism/Deep Ecology Debate: A Reply to Patriarchal Reason. In: Environmental Ethics, n. 14, 1992, p. 195-216.

SLICER, Deborah. Is There na Ecofeminism – Deep Ecology “Debate”? In: Environmental Ethics, n. 17, 1995, p. 151-169.

³⁹ SLICER, Deborah. Is There na Ecofeminism – Deep Ecology “Debate”? p. 154-55.

⁴⁰ SLICER, Deborah. Is There na Ecofeminism – Deep Ecology “Debate”? p. 162.